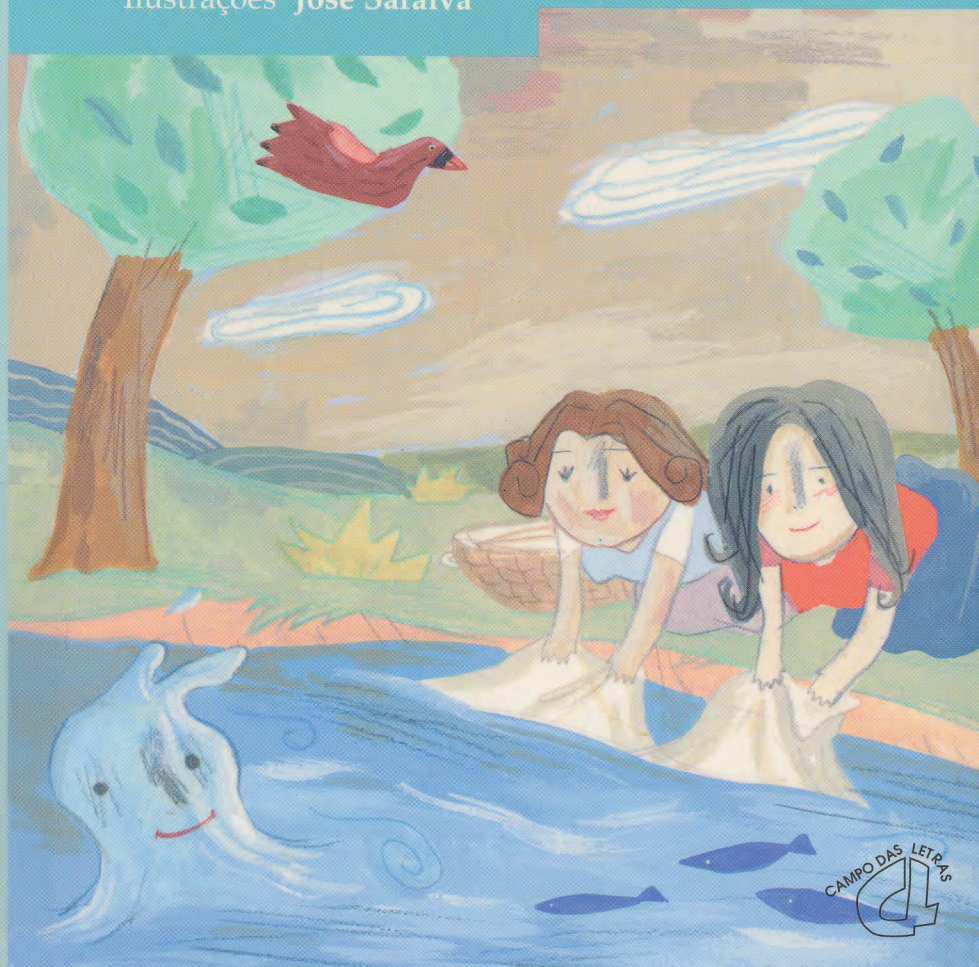


António Torrado

Verdes são os Campos

Ilustrações José Saraiva





Verdes são os Campos

Autor: António Torrado
Ilustrações: José Saraiva

Design e paginação: Elsa Navarro e José Saraiva
© Campo das Letras - Editores, S. A., 2002
Rua de D. Manuel II, 33, 5.º 4050-345 Porto
Telef: 226080870 Fax: 226080880
e-mail: campo.letras@mail.telepac.pt
Site: www.campo-letras.pt

Impressão: Papelmunde – SMG, Lda.
1.ª edição: Fevereiro 2002
Depósito Legal: 176929/02
ISBN: 972-610-516-1
Código de barras: 9789726105169
Coleção: Vamos Ler - 6

A obra "Verdes são os Campos" apoiou-se documentalmente no Levantamento Monográfico das Lendas do Vale do Minho, realizado pela CEEA da Universidade Fernando Pessoa, para a Associação de Municípios do Vale do Minho. (Agosto de 2001)

Vamos Ler



Esta edição tem o apoio da
Associação de Municípios do Vale do Minho

António Torrado

Verdes são os Campos

Lendas Teatralizadas do Vale do Minho

Ilustrações José Saraiva



Esta peça foi criada pelo Teatro do Noroeste e estreada no dia 28 de Fevereiro de 2002, no Centro Cultural de Paredes de Coura, com encenação de José Martins, cenários e figurinos de Liliana Barbosa, espaço sonoro de Miguel Rimbaud e interpretação de Carla Magalhães, Elisabete Pinto, Joana Miguel, José Paredes e Miguel Rimbaud.

Quadro I



Maria da Fonte



Cotovia



Pescador



Minho



Felizardo

Margem do Rio Minho, na actualidade.

Duas raparigas (Cotovia e Maria da Fonte), cada uma com o seu alguidar de roupa lavada de fresco, vêm risonhas, conversando.

Cotovia E, agora, onde é que a gente pendura os lençóis?

Maria da Fonte Pendurar? Para quê? Estendemos no chão.

Cotovia Em cima das ervas? Lençóis novos? Estás doida.

Maria da Fonte Se eram novos, para que os foste lavar?

Cotovia *(misteriosa)* Tu sabes...

Maria da Fonte Tolices.

Cotovia *(condescendente)* Pode ser... Mas custou-te?

Maria da Fonte Nada. Até me diverti. Eu a lavar roupa no rio?! Imagine-se. Com sabão, como antigamente... A esfregar nas pedras... Fogo! É que estou derreada. *(Poisando o alguidar com a trouxa da roupa)* Manda cá um peso a tua roupinha!

Cotovia Pois. Estás a ver. A minha mãe, era eu garota, e já juntava para o meu enxoval. Cada vez que que ia a Valença... Um jogo de lençóis.

Maria da Fonte *(com malícia)* Fez bem. É o que mais se gasta no casamento.

Cotovia Também, quando chegar a tua vez, já sabes: podes contar comigo.

Maria da Fonte Eu? Casar-me? Estás bem livre. Prisões? Obrigações? *(Interjeição de desprezo)* Bah!

Algo chamou a atenção de Maria da Fonte. É uma linha de nylon da cana de pesca, sem que se veja quem a empunha, provavelmente oculto pela vegetação da margem.

Maria da Fonte Querias pendurar os lençóis, não querias?
Parece que já estamos servidas. (*Deita a
mão à linha e começa a puxar.*)

Cotovia No ano passado, eu e o Felizardo não nos
conhecíamos. E, vê tu, vamos casar para a
semana.

Maria da Fonte (*continuando a puxar a linha*) Mas eu não
tenho Felizardo nenhum. Nem quero.

Cotovia Quando menos se espera, ele aí vem.

*Só agora, atrás da linha virá o **Pescador**, velho e provavelmente gordo. A cana verga e ele, de mão no carreto, dá linha, entusiasmado. Maria da Fonte, de costas para ele, alheia ao que se passa, puxa a linha, procurando prendê-la a um ramo. O pescador, atordoado e, tentando alcançar o camaroeiro que deixou atrás, passa por Cotovia, a única dos três a ter a noção do que está a acontecer.*

Pescador (*para Cotovia*) Que luta, menina! Que luta!
Peixe bravo, mas grande peixe.

Cotovia ri. Agora é Maria da Fonte que deixou de ser vista.

Pescador E o que ele puxa, caramba. Alcance-me a rede, faça favor, menina.

Cotovia não pára de rir. Fica com o camaroeiro na mão.

Pescador Onde está a graça? Um peixão. Um senhor peixão! Eu é que me vou rir, logo, quando mostrar aos amigos. Vão ficar parvos de todo. Dez quilos. Vinte quilos... Quê? Quarenta ou mais quilos pesa o bicho.

Cotovia *(divertida)* Só pode ser tubarão.

Pescador Tubarão em água doce, será possível? E dá cada salto. Olhe! Eia! Eh lá! Caramba! É preciso pulso.

As movimentações de Maria da Fonte, oculta e indiferente ao que se passa em cena, sobressaltam cada vez mais a linha, a cana e o pescador.

Cotovia Parece que voa.

Pescador É que voa mesmo. E cá com uma esgalha. Força, valente! Mas eu chego bem para ti. Não me levas à certa! Vais parar ao forno,

não tarda. Com batatas redondinhas à volta. Que regalo! *(Para Cotovia.)* Como ele puxa, já viu? Segure-me aí na rede, menina. *(Cotovia continua a segurar no camaroeiro)* E vai contra a corrente. É extraordinário. A subir o rio, o malandro.

Cotovia Até vai por terra.

Pescador Também julgo que sim. Um peixe a andar por terra? Faz sentido? É um prodígio. Estou a pescar um fenómeno.

Já Maria da Fonte voltou e se apercebeu da situação. Matreira, agora, puxa com mais força, escondida. Virado para Cotovia, o velho pescador ainda não deu conta.

Pescador *(afrito)* Acabou-se a linha. Que desgraça! Não tenho mais carreto. Ai que o ladrão ainda me foge. E eu quase a apanhá-lo.

Cotovia, subrepticiamente, passou o camaroeiro para as mãos de Maria da Fonte que o empunha e faz ao Pescador a surpresa de lho enfiar pela cabeça abaixo.

Maria da Fonte *(arremedando-o)* "Quase a apanhá-lo"
Era? Queria peixe fresco, seu maroto?
Contente-se com o congelado, se o tiver
em casa. *(Para Cotovia)* Já viste o que me
calhou na rede?

Pescador O peixe? O peixe? Onde se meteu o
peixe? Ficou com ele? Dê-mo cá, menina.

Maria da Fonte *(com segundo sentido)* Estás bem livre.

Pescador *(deplorável)* Não havia peixe? Nunca
houve peixe a puxar a linha? Eram as meni-
nas a mangar comigo?

Cotovia Oiça, senhor, não foi por querer.

Pescador Embaraçaram-me a linha toda. Já não tem
préstimo. Mal feito. Mal feito.

Maria da Fonte Se já não tem préstimo, presta para nós.
E prometo que lhe compro um carroto
novo.